

Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Políticas Afirmativas - Comunicação Oral

A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA COM CRIANÇAS AUTISTAS¹

Rosely da Silva Santos²

José Francisco Chicon

Ivone Martins de Oliveira

O desenvolvimento da brincadeira de faz de conta da criança com autismo tem se apresentado como um desafio para os profissionais da área educacional, devido não somente às dificuldades de interação social, peculiaridades nos processos comunicativos e interesses restritos, mas também em função da maneira como se apresenta a imaginação nessa criança. Corroborando pesquisas que ressaltam o valor da brincadeira de faz de conta para o desenvolvimento infantil (VIGOTSKI, 2008; LEONTIEV, 2016), este estudo volta-se para o brincar de crianças com autismo e orienta-se pelas seguintes questões: em situações lúdicas em uma brinquedoteca, crianças com autismo brincam de faz de conta? Se brincam, como se manifesta sua brincadeira? Diante dessas questões, este trabalho tem como objetivo compreender como se manifesta a brincadeira de faz de conta em crianças com autismo na brinquedoteca. Trata-se de estudo de caso do brincar de crianças com autismo numa brinquedoteca (LÜDKE; ANDRÉ, 2013) que tem uma proposta inclusiva. A investigação ocorreu em uma brinquedoteca universitária que atende crianças com e sem deficiência na faixa etária de três a seis anos, no período de março a dezembro de 2016, perfazendo um total de 24 aulas/registros. Participaram do estudo dez crianças de um Centro de Educação Infantil (CEI) com desenvolvimento típico, seis com autismo e uma com síndrome de Down, totalizando 17 participantes, oriundas da comunidade de Vitória/ES. Na análise, encontramos diferentes episódios de brincadeiras realizadas por duas das crianças com diagnóstico de autismo, reveladoras da presença do jogo imaginário, como também identificamos crianças que, por suas

¹ O presente trabalho contou com financiamento do Fundo de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

² Contatos dos autores: rosy.rodrigs@hotmail.com; chiconjf@yahoo.com.br; imartinsdeoliveira3@gmail.com.

características e peculiaridades, ainda não conseguiam inserir-se nesse tipo de brincadeira. Destacamos para análise um episódio de brincadeira em que o jogo de faz de conta se fez presente na ação da criança com autismo, selecionado por sua riqueza e tempo de envolvimento da criança com a brincadeira, participação de crianças não deficientes e forma de intervenção do professor/brinquedista. O episódio ocorreu no *playground* do Centro de Educação Infantil, espaço de aula utilizado como extensão da brinquedoteca. Na análise, enfocamos como se manifesta a brincadeira dessa criança, os participantes envolvidos e o processo de intervenção dos adultos. Ao discorrer sobre a brincadeira na idade pré-escolar, Vigotski (2008) aborda duas questões fundamentais: o modo como ela surge na criança e o papel que essa atividade desempenha no desenvolvimento infantil. Peculiaridades no jogo imaginário de crianças com autismo também são apontadas nos estudos de Chicon et al. (2016), Chiote (2015), Bagarollo, Ribeiro e Panhoca (2013), Sá, Siquara e Chicon (2015) e Castro, Panhoca e Zanolli (2011), que relatam resultados satisfatórios de pesquisas com intervenção que envolvem atividades lúdicas na ampliação dos processos interativos, da comunicação e da brincadeira dessa criança. Nossas análises indicam que a criança com autismo também pode se envolver com brincadeiras de faz de conta, desde que lhe sejam ofertadas condições: quanto mais estimuladas em sua experiência lúdica, na exploração dos mais variados brinquedos, na manifestação das diferentes linguagens, na convivência com a diversidade, na exploração de diferentes espaços e modos de interação, mais significativas serão as possibilidades de essa criança sentir, pensar, agir no meio social onde se encontra e brincar. Portanto, no processo de ensino e aprendizagem, não basta o professor organizar os espaços disponibilizando materiais e objetos e observar as crianças; é necessário definir estratégias de abordagem corporal e de intervenções pedagógicas, para que elas possam criar e recriar as brincadeiras, estabelecer novas interações, combinar movimentos e objetos, descobrir novas formas de ação, alimentando, dessa maneira, a experiência corporal. A brincadeira torna-se uma possibilidade de desenvolvimento da criança com autismo a partir do investimento dos adultos em seu envolvimento nessa prática social específica da infância.

Palavras-chave: Educação Física Inclusiva. Autismo. Brincadeira. Criança.

REFERÊNCIAS

BAGAROLLO, Maria Fernanda; RIBEIRO, Vanessa Veis; PANHOCA, Ivone. O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 1, p. 107-120, jan./mar. 2013.

CASTRO, Glenda Saccomano; PANHOCA, Ivone; ZANOLLI, Maria de Lurdes. Interação comunicativa em contexto lúdico de duas crianças com síndrome de Down, comportamentos autísticos e privação de estímulos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, n. 4, p. 730-738, 2011.

CHICON, José Francisco et al. Educação Física e inclusão: a mediação pedagógica do professor na brinquedoteca. **Movimento**, v. 22, n. 1, p. 279-292, jan./mar. 2016.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. A interação entre pares no desenvolvimento do brincar da criança com autismo. In: OLIVEIRA, Ivone Martins de (Org.). **Autismo e inclusão escolar: percursos, desafios, possibilidades**. Curitiba, PR: CRV, 2015. p. 95-114.

SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva de; SIQUARA, Zelinda Orlandi; CHICON, José Francisco. Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37 n. 4, p. 355-361, out./dez. 2015. Disponível em:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328915000785>>. Acesso em 27 abr. 2016.